

NÚMEROS CARDINAIS NA LÍNGUA INDÍGENA INGARIKÓ DE RORAIMA

Adailton Barbosa Simeão¹; Italo José Rodrigues²; Marcos Vieira Araujo³; Michael Lopes da Silva Rolim⁴

RESUMO

Este artigo analisa os numerais cardinais na língua indígena Ingarikó, pertencente à família linguística Caribenha (Karib) e falada pelo povo Kapon na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, bem como em áreas da Guiana e da Venezuela. O estudo tem como objetivo descrever a estrutura e o funcionamento dos numerais cardinais, situando-os no contexto sociolinguístico, tipológico e educacional da comunidade. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise documental e comparação com línguas aparentadas, como Akawaio e Patamona, diante da escassez de registros sistemáticos específicos sobre o Ingarikó. Os dados indicam a existência de formas lexicalizadas para numerais básicos, como “um”, “dois”, “três” e “quatro”, além de estruturas composicionais possivelmente relacionadas a referenciais corporais, como mãos e pés, sugerindo organização quinária ou vigesimal. Observa-se que numerais superiores tendem a ser expressos por combinações descritivas, revelando forte articulação entre língua, cultura e práticas cotidianas. O estudo também discute os impactos do contato com o português, especialmente no ambiente escolar, onde o sistema decimal tende a predominar, podendo influenciar o uso tradicional. Conclui-se que a análise dos numerais cardinais contribui para a documentação linguística, a valorização cultural e o fortalecimento da educação intercultural bilíngue, evidenciando a necessidade de pesquisas de campo mais aprofundadas para o registro sistemático do sistema numérico Ingarikó.

Palavras-chave: Ingarikó; números cardinais; línguas indígenas; Caribenha; Roraima.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão dos sistemas numéricos em línguas indígenas é um campo relevante para a linguística descritiva, antropológica e para políticas de educação intercultural bilíngue. Os números cardinais — categorias que nomeiam quantidades no discurso — são elementos essenciais na estruturação do conhecimento linguístico e cultural, podendo variar significativamente entre diferentes tradições linguísticas (Acquaviva & Daniel, 2022). No

¹ Graduando em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Roraima (UFRR); Povo Ingarikó; adailton.ingarico@gmail.com;

² Graduando em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Roraima (UFRR); Povo Ingarikó; italo.ingarico@gmail.com;

³ Professor Colaborado e Mestre em Educação pelo INSTITUTO SUPERIOR INTERAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES – ISICS; marcosvieiraaraujo@gmail.com;

⁴ Orientador da Atividade CN2, professor e doutor em Matemática,

contexto das línguas caribenhas, os numerais refletem padrões culturais e cognitivos próprios, frequentemente articulados de forma vasta e complexa nos domínios lexical e morfosintático.

A língua Ingarikó, também referida como Kapon e relacionada às línguas Akawaio e Patamona, pertence à família Caribenha (Karib) e é falada por comunidades indígenas no nordeste do estado de Roraima (Brasil), além de territórios adjacentes na Guiana e na Venezuela. Os Ingarikó compartilham identidade sociocultural e laços linguísticos estreitos com outros grupos do tronco Karib, o que influencia a organização de categorias linguísticas como os numerais cardinais.

Apesar de ser um idioma de vitalidade considerável dentro de sua comunidade, a documentação linguística detalhada sobre elementos gramaticais como os numerais cardinais é limitada. Estudos comparativos com dialetos relacionados (Akawaio e Patamona) apontam para a necessidade de mais pesquisas específicas, mas também oferecem um ponto de partida para a análise da estrutura numérica no Ingarikó.

Este artigo tem como objetivos principais: apresentar um panorama sociolinguístico da língua Ingarikó, discutir dados disponíveis sobre os números cardinais nessa língua à luz de materiais comparativos; e refletir sobre implicações para documentação linguística e educação intercultural. Apesar de sua relevância cultural e histórica, a língua Ingarikó apresenta escassa documentação linguística, o que torna urgente a realização de estudo que contribuam para seu registro e valorização. Assim, estudar os números cardinais em Ingarikó permite não apenas compreender aspectos gramaticais da língua, mas também acessar formas próprias de percepção e caracterização do dia a dia.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O povo Ingarikó e sua língua

Os Ingarikó são um grupo indígena da família Karib (Caribenha), que habita a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Parque Nacional do Monte Roraima no estado brasileiro, além de áreas adjacentes na Guiana e na Venezuela. Eles se autodenominam Kapon, termo que designa coletivamente povos Kapon como os Ingarikó, Akawaio e Patamona, significando “povo do céu” ou “povo das alturas” em algumas leituras etimológicas.

A língua Ingarikó é considerada uma variedade caribenha e possui relações muito próximas com o Akawaio, sendo por vezes classificada como um dos dialetos do que alguns linguistas denominam Pemon/Kapon (família Pemóng–Panare). Em Roraima, a língua é parte

viva do repertório linguístico das comunidades indígenas, apesar de estar sob pressão do bilinguismo com o português e outras línguas regionais.

A distribuição demográfica dos Ingarikó inclui cerca de centenas a milhares de falantes no Brasil, com aldeias distribuídas em áreas fluviais e serranas da Raposa Serra do Sol. Em termos dos dados do censo demográfico, estima – se que a população Ingarikó é de aproximadamente 2000 pessoas distribuído em 15 comunidades indígenas Serra do sol, Karumanbatëy, Mapaé, Arikaman, Përëymëtëy, Manalai, Awendei, Sauparú, Pamak, Paraná, Pipi do Manalai, Área Única, Marasuwe, Cumaipá e Serra do galo que ainda se encontra no processo de reconhecimento. Sua sociolinguística reflete um contexto multilíngue, onde a língua indígena coexiste com o português e outras línguas indígenas vizinhas.

2.2 Numerais cardinais: aspectos na tipologia caribenha

Em muitas línguas indígenas da América do Sul, e particularmente em várias línguas caribenhas, os numerais cardinais são construídos com relações morfológicas complexas que nem sempre se correspondem ao sistema decimal usado no português. Estudos tipológicos têm demonstrado que as línguas caribenhas podem apresentar sistemas onde formas isoladas de numerais são documentadas até certo ponto, sendo que quantidades maiores podem ser expressas por composições ou combinações com elementos corporais ou espaciais.

No caso das línguas Karib, como o Ingarikó/Akawaio, fontes linguísticas comparativas registram formas para os primeiros numerais cardinais básicos: por exemplo, *tiwin* ('um'), *asakrë* ('dois'), *osoruwau* ('três'), *asakrëkne* ('quatro'), *tiwin miyak* (cinco). Essas formas são parte de um sistema que pode ser organizado por base corporal ou referentes culturais associados à forma de contar no contexto da comunidade.

As linguagens caribenhas tradicionalmente documentadas — incluindo dialetos próximos aos Ingarikó — frequentemente fazem distinção entre numerais básicos baixos (até cerca de quatro ou cinco) e estratégias de composição para números maiores. Esse padrão corresponde a tendências observadas em outras línguas indígenas sul-americanas em que a necessidade prática de quantificação interage com a gramática e a cultura.

Os números cardinais são utilizados para expressar quantidades e desempenhar um papel fundamental na comunicação cotidiana. O sistema de numeração do povo ingarikó geralmente abrange números baixos, sendo os valores mais altos expressado por combinações ou por termos que indicam “muitos”.

Na língua Ingarikó, os números cardinais estão ligados as práticas culturais como a contagem de mãos e dedos, pés e dedos dos pés, contagem de pessoas, objetos, alimentos e

elementos relacionados à realidade. A estrutura dos numerais pode apresentar características aglutinantes e variação conforme o contexto de uso.

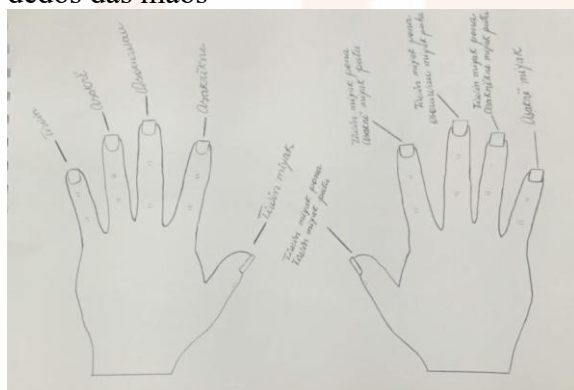
2.3 Números cardinais no Ingarikó: dados disponíveis e lacunas

Embora não exista um dicionário publicado com todos os numerais cardinais do Ingarikó de forma completa, dados comparativos disponíveis para o grupo linguístico Akawaio-Ingarikó registram os termos citados acima para os primeiros numerais (*tiwin*, *asakrë*, *osoruwau*, *asakrëkne*, *tiwin miyak*), sugerindo um sistema básico de contagem até cinco ou mais.

Outras formas para quantidades maiores são descritas através de composição ou referenciais que envolvem partes do corpo (por exemplo, “uma mão” para cinco, “duas mãos” para dez, “duas mãos e um pé” para quinze, “duas mãos e dois pés” para vinte), indicando que a expressão de números mais elevados pode ocorrer por meio de estratégias descritivas que relacionam números a índices culturais e corporais, como em outras línguas indígenas.

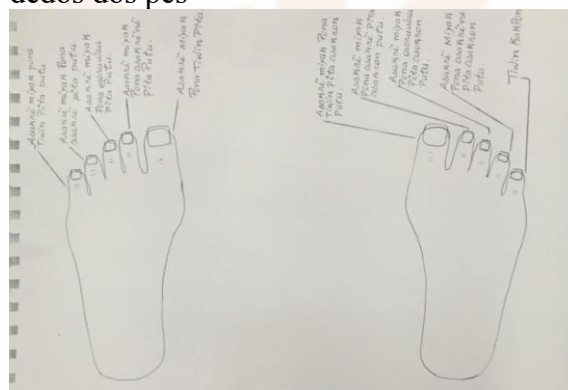
Esses dados preliminares indicam a necessidade de uma documentação linguística mais detalhada e específica do Ingarikó, inclusive com levantamento de numerais cardinais completos e suas funções sintáticas e semânticas no discurso, algo que ainda carece de estudos de campo extensivos.

Figura 1: Contagem de números com os dedos das mãos



Fonte: Elaboração própria (2026)

Figura 2: Contagem de números com os dedos dos pés



Fonte: Elaboração própria (2026)

O contato crescente com a sociedade não indígena, observa - se a incorporação de numerais do português em contexto escolares, o que pode levar a mudanças no uso dos numerais tradicionais.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-analítica, tendo em vista que o objetivo central consiste em compreender e interpretar a organização dos numerais cardinais na língua Ingarikó a partir de dados documentais e comparativos. Conforme argumentam Denzin e Lincoln (2018), a pesquisa qualitativa permite explorar fenômenos linguísticos em seus contextos socioculturais específicos, valorizando a complexidade dos sistemas de conhecimento tradicionais.

A opção metodológica pela revisão bibliográfica e análise documental justifica-se pela ainda reduzida documentação linguística sistemática acerca do Ingarikó, especialmente no que se refere às categorias gramaticais dos numerais. Nesse sentido, a pesquisa parte do princípio de que, em contextos de línguas minorizadas ou em processo de documentação inicial, a triangulação entre fontes secundárias e dados comparativos constitui estratégia metodológica válida e necessária (Creswell & Creswell, 2021).

O levantamento das informações sociolinguísticas foi realizado com base em fontes institucionais e etnográficas reconhecidas, como o Instituto Socioambiental (ISA), registros da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e materiais acadêmicos produzidos por universidades brasileiras. Tais fontes são amplamente utilizadas em estudos de povos indígenas no Brasil, contribuindo para a contextualização histórica, demográfica e sociocultural do povo Ingarikó (ISA, 2026). A utilização dessas bases permite situar a análise linguística dentro de um quadro mais amplo de políticas linguísticas e direitos culturais, conforme defendem Moore, Galucio e Gabas Jr. (2008) em estudos sobre línguas indígenas brasileiras.

Paralelamente, procedeu-se à consulta de estudos tipológicos e comparativos sobre línguas da família Karib (Caribenha), considerando especialmente dados do Akawaio, Patamona, Macuxi e Taurepang. A comparação linguística, conforme estabelecido na tradição histórico-comparativa (Campbell, 2013), constitui instrumento essencial para a análise de línguas com documentação limitada, possibilitando inferências cautelosas a partir de padrões compartilhados geneticamente.

A análise dos numerais cardinais foi conduzida à luz da tipologia linguística contemporânea, especialmente dos estudos sobre sistemas numéricos em línguas do mundo (Acquaviva & Daniel, 2022). Esses autores demonstram que categorias numéricas variam significativamente entre famílias linguísticas, podendo organizar-se a partir de bases corporais, sistemas restritos ou estratégias composicionais. Tal perspectiva tipológica orientou a interpretação dos dados disponíveis para o Ingarikó, permitindo situá-los dentro de

tendências mais amplas observadas em línguas indígenas sul-americanas (Epps & Salanova, 2013).

Além disso, a interpretação dos resultados considerou o impacto do contato linguístico com o português, sobretudo em contextos escolares. Estudos sobre contato e mudança linguística indicam que categorias lexicais de alta frequência, como numerais, tendem a ser suscetíveis à substituição ou hibridização em contextos de bilinguismo assimétrico (Thomason, 2015). Assim, a análise não se restringe à descrição formal, mas também dialoga com processos sociolinguísticos contemporâneos.

Diante da escassez de materiais específicos sobre os numerais do Ingarikó, adotou-se como procedimento metodológico a extrapolação controlada a partir de línguas aparentadas, explicitando-se os limites interpretativos dessa estratégia. Conforme recomendam Campbell e Grondona (2012), em contextos de documentação parcial, é fundamental explicitar as lacunas existentes e indicar a necessidade de investigações de campo futuras.

Portanto, a metodologia adotada articula revisão bibliográfica, análise documental e abordagem tipológica comparativa, buscando não apenas sistematizar dados existentes, mas também evidenciar a urgência de estudos empíricos mais aprofundados. Tal encaminhamento metodológico sustenta-se na compreensão de que a documentação linguística é instrumento essencial para a preservação e valorização das línguas indígenas brasileiras, especialmente em contextos de vulnerabilidade sociolinguística (UNESCO, 2023).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Contexto sociolinguístico do Ingarikó

A análise do contexto sociolinguístico do povo Ingarikó evidencia um cenário marcado simultaneamente pela vitalidade linguística e pelos desafios decorrentes do contato intercultural. Os Ingarikó, autodenominados Kapon, habitam predominantemente a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no estado de Roraima, região caracterizada por intensa diversidade étnica e linguística. Sua língua, pertencente à família Karib (Caribenha), mantém vínculos estruturais e históricos com variedades como Akawaio e Patamona, configurando um contínuo linguístico transfronteiriço que ultrapassa os limites do território brasileiro, alcançando áreas da Guiana e da Venezuela.

Do ponto de vista da vitalidade, observa-se que o Ingarikó ainda desempenha papel central na organização social, na transmissão de conhecimentos tradicionais e na vida cotidiana das comunidades. A língua é utilizada nas interações familiares, nas práticas rituais,

nas narrativas orais e em atividades comunitárias, o que favorece sua transmissão intergeracional. Esse fator é determinante para a manutenção linguística, pois, conforme apontam estudos sociolinguísticos sobre línguas indígenas brasileiras, a continuidade do uso no ambiente doméstico constitui um dos principais indicadores de resistência cultural e linguística.

Entretanto, o contato crescente com a sociedade envolvente tem produzido transformações significativas no repertório linguístico das novas gerações. A presença do português como língua oficial do Estado e como idioma predominante no sistema educacional introduz dinâmicas de bilinguismo assimétrico, nas quais o português tende a ocupar espaços formais e institucionais, enquanto o Ingarikó permanece mais associado ao domínio comunitário. Essa distribuição funcional das línguas pode resultar em processos de deslocamento gradual, especialmente em contextos escolares onde conteúdos curriculares, como matemática e ciências, são frequentemente ministrados com base no sistema decimal da língua portuguesa.

No campo específico dos numerais cardinais, esse contato linguístico se torna ainda mais visível. Observa-se que, em situações formais ou em práticas relacionadas à escolarização, há maior incidência do uso de numerais em português, o que pode impactar a preservação das formas tradicionais. Tal fenômeno revela não apenas uma questão lexical, mas também uma mudança na forma de organização do pensamento quantitativo, uma vez que os sistemas numéricos indígenas frequentemente se estruturam a partir de referências corporais e culturais próprias.

Apesar desses desafios, o contexto sociolinguístico do Ingarikó não deve ser compreendido exclusivamente sob a ótica da ameaça, mas também como espaço de agência e revitalização. Iniciativas locais de valorização cultural, produção de materiais didáticos bilíngues e participação em movimentos regionais de defesa das línguas indígenas demonstram a consciência comunitária acerca da importância da preservação linguística. A manutenção da língua, portanto, está diretamente vinculada a políticas públicas inclusivas e ao reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural imaterial.

4.2 Estrutura lexical dos numerais cardinais

A análise da estrutura lexical dos numerais cardinais no Ingarikó revela um sistema que articula elementos morfológicos próprios e estratégias composicionais culturalmente orientadas. Embora a documentação disponível ainda seja limitada, os dados comparativos

com línguas aparentadas da família Karib permitem identificar padrões estruturais consistentes, especialmente no que se refere aos numerais básicos de pequena quantidade.

Os registros existentes apontam para formas lexicalizadas para os primeiros numerais — como *tiwin* (um), *asakrë* (dois), *osoruwau* (três) e *asakrëkne* (quatro) — sugerindo um núcleo lexical relativamente estável para quantidades reduzidas. Esse padrão está em consonância com o que a tipologia linguística observa em diversas línguas indígenas sul-americanas: a existência de termos simples e independentes para numerais baixos, frequentemente até quatro ou cinco, a partir dos quais se desenvolvem estratégias de ampliação semântica ou morfológica.

No caso do numeral correspondente a “cinco”, observa-se a forma composta *tiwin miyak*, indicando possível processo de composição ou associação semântica. Essa estrutura pode estar relacionada a bases corporais, como a contagem pelos dedos da mão, prática amplamente documentada em diferentes povos indígenas. Em muitos sistemas ameríndios, a quantificação está vinculada a referenciais corporais — mãos, pés ou combinações destes — configurando sistemas quinários (base cinco) ou vigesimais (base vinte). Tal característica reforça a hipótese de que o sistema numérico Ingarikó não se organiza originalmente segundo o modelo decimal ocidental, mas segundo uma lógica cultural própria.

Para numerais superiores a cinco, os indícios apontam para estratégias descritivas ou composicionais, como expressões equivalentes a “uma mão”, “duas mãos” ou combinações que envolvem mãos e pés. Esse tipo de construção evidencia que o número não é apenas uma categoria abstrata, mas também um conceito corporificado, integrado às práticas cotidianas e à experiência sensorial. A estrutura lexical, nesse sentido, revela uma interface entre gramática e cultura, pois os numerais não se limitam a designar quantidades, mas refletem formas específicas de organizar o mundo.

Outro aspecto relevante diz respeito à possível presença de processos morfológicos aglutinantes, característica comum em línguas da família Karib. A formação de numerais compostos pode envolver justaposição ou modificação de radicais básicos, o que sugere a necessidade de investigação mais aprofundada sobre a morfossintaxe dessas construções. A ausência de descrições gramaticais detalhadas do Ingarikó impede, por ora, uma análise conclusiva, mas os dados comparativos indicam que há regularidade estrutural suficiente para sustentar a hipótese de um sistema organizado e funcional.

Adicionalmente, observa-se que o contato com o português tem introduzido numerais decimais em contextos formais, sobretudo no ambiente escolar. Essa convivência entre dois sistemas numéricos pode gerar alternância lexical ou mesmo substituição progressiva das

formas tradicionais em determinados domínios discursivos. Contudo, nos contextos comunitários e tradicionais, as formas originárias mantêm relevância cultural e identitária, especialmente quando associadas a práticas de contagem vinculadas à agricultura, à pesca, à organização de grupos ou à distribuição de alimentos.

Os resultados indicam, portanto, que o sistema lexical dos numerais cardinais no Ingarikó apresenta: (a) formas básicas lexicalizadas para pequenas quantidades; (b) estratégias composicionais possivelmente baseadas em referenciais corporais; e (c) influência crescente do sistema decimal português em contextos formais. Esses elementos demonstram que a categoria dos numerais constitui campo privilegiado para compreender a interação entre estrutura linguística, cognição e cultura.

4.3 Implicações para documentação e educação

A análise dos numerais cardinais na língua Ingarikó evidencia implicações significativas tanto para a documentação linguística quanto para a educação intercultural bilíngue. A escassez de registros sistemáticos sobre categorias gramaticais específicas — como os sistemas numéricos — demonstra que ainda há lacunas importantes na descrição formal da língua. Tal cenário reforça a urgência de iniciativas de documentação que contemplem não apenas listas lexicais, mas também descrições morfosintáticas, registros discursivos e análises contextualizadas do uso real da língua nas comunidades.

Do ponto de vista da documentação, os numerais constituem um domínio estratégico de investigação, pois articulam aspectos estruturais, cognitivos e culturais. Registrar detalhadamente as formas tradicionais de contagem, suas variações e seus contextos de uso contribui para preservar conhecimentos associados às práticas sociais do povo Ingarikó. Além disso, a documentação sistemática permite evitar generalizações imprecisas ou extrapolações excessivas a partir de línguas aparentadas, fortalecendo a autonomia descritiva do Ingarikó enquanto sistema linguístico singular.

No campo educacional, as implicações são igualmente relevantes. A presença predominante do sistema decimal em português nos materiais escolares pode favorecer a substituição gradual dos numerais tradicionais, sobretudo entre as gerações mais jovens. Nesse contexto, a elaboração de materiais didáticos bilíngues que integrem o sistema numérico Ingarikó torna-se fundamental para promover um ensino intercultural que respeite os saberes locais. A valorização dos numerais indígenas no ensino da matemática, por exemplo, pode contribuir para uma aprendizagem contextualizada e culturalmente significativa.

Ademais, a incorporação dos sistemas tradicionais de contagem no currículo escolar fortalece a identidade linguística e cultural da comunidade. A escola indígena, quando estruturada a partir de princípios interculturais, pode atuar como espaço de revitalização e não apenas de transmissão de conteúdos externos. Nesse sentido, o ensino dos numerais em Ingarikó não deve ser entendido apenas como preservação lexical, mas como reconhecimento de uma forma própria de organizar e compreender o mundo quantitativo.

Outro aspecto relevante diz respeito à formação de professores indígenas. A capacitação específica para o ensino da língua materna, incluindo categorias gramaticais como os numerais, amplia a qualidade pedagógica e assegura maior coerência entre língua, cultura e prática educativa. Projetos colaborativos entre universidades e comunidades indígenas podem contribuir para a produção de gramáticas pedagógicas, dicionários escolares e materiais multimodais que registrem a oralidade e os usos tradicionais.

Os resultados indicam, portanto, que a documentação linguística e a educação intercultural devem caminhar de forma articulada. A ausência de registros detalhados limita a produção de materiais didáticos, enquanto a ausência de uso escolar enfraquece a vitalidade funcional da língua. Assim, investir na descrição aprofundada dos numerais cardinais do Ingarikó representa não apenas avanço acadêmico, mas também ação concreta de valorização cultural e fortalecimento identitário.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar os numerais cardinais na língua indígena Ingarikó, situando-os no contexto sociolinguístico, tipológico e educacional da família linguística Karib. A partir da revisão bibliográfica e da análise comparativa com línguas aparentadas, foi possível identificar que o sistema numérico Ingarikó apresenta formas lexicalizadas para numerais básicos e estratégias composicionais possivelmente vinculadas a referenciais corporais e culturais, característica recorrente em diversas línguas indígenas sul-americanas.

Os resultados evidenciam que os numerais cardinais não constituem apenas uma categoria gramatical isolada, mas refletem modos específicos de organização do pensamento quantitativo e de interação com o mundo. No caso do Ingarikó, a contagem tradicional parece estar associada a práticas culturais e corporais, reforçando a dimensão sociocultural da linguagem. Assim, a análise dos numerais contribui não apenas para a descrição linguística, mas também para a compreensão de aspectos identitários e cognitivos do povo Kapon.

No entanto, constatou-se que a documentação disponível ainda é insuficiente para uma descrição completa e sistemática do sistema numérico Ingarikó. A escassez de gramáticas detalhadas, dicionários abrangentes e registros discursivos limita a compreensão aprofundada das estruturas morfológicas e sintáticas envolvidas na formação dos numerais. Tal lacuna reforça a necessidade de pesquisas de campo que priorizem a coleta de dados primários, envolvendo a participação ativa da comunidade falante.

Além disso, o contato crescente com o português, especialmente no ambiente escolar, tem influenciado o uso dos numerais tradicionais, favorecendo a adoção do sistema decimal em contextos formais. Embora o bilinguismo possa ampliar as possibilidades comunicativas, ele também pode contribuir para o enfraquecimento gradual de formas tradicionais se não houver políticas educacionais que valorizem o ensino intercultural bilíngue.

Dessa forma, conclui-se que o estudo dos numerais cardinais no Ingarikó representa um campo estratégico para a documentação linguística, a valorização cultural e o fortalecimento da educação indígena. Investir na descrição detalhada dessas categorias, na produção de materiais didáticos bilíngues e na formação de professores indígenas constitui passo fundamental para garantir a transmissão intergeracional da língua e a preservação de seu patrimônio imaterial.

REFERÊNCIAS

ACQUAVIVA, Paolo; DANIEL, Michael. *Número nas línguas do mundo: um manual comparativo*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2022.

CAMPBELL, Lyle. *Linguística histórica: uma introdução*. 3. ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2013.

CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (org.). *As línguas indígenas da América do Sul: um guia abrangente*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2012.

CARTA DE RORAIMA DAS LÍNGUAS DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Documento final do Seminário Viva Língua Viva. Boa Vista: Organização do Seminário Viva Língua Viva, 2024.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). *O manual Sage da pesquisa qualitativa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

EPDS, Patience; SALANOVA, Andrés Pablo. Diversidade linguística na Amazônia. *Language and Linguistics Compass*, v. 7, n. 7, p. 371–389, 2013.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (FUNAI). Povos indígenas no Brasil. Brasília: FUNAI, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/funai>. Acesso em: 28 jan. 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Ingarikó. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA, 2026. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JR., Nilson. O desafio da documentação das línguas indígenas no Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1–38, 2008.

THOMASON, Sarah G. *Línguas ameaçadas: uma introdução*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

UNESCO. *Atlas global das línguas do mundo*. Paris: UNESCO Publishing, 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA (UERR). Povos indígenas de Roraima: Ingarikó. Boa Vista: UERR, 2026. Disponível em: <https://povosindigenasrr.uerr.edu.br/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

